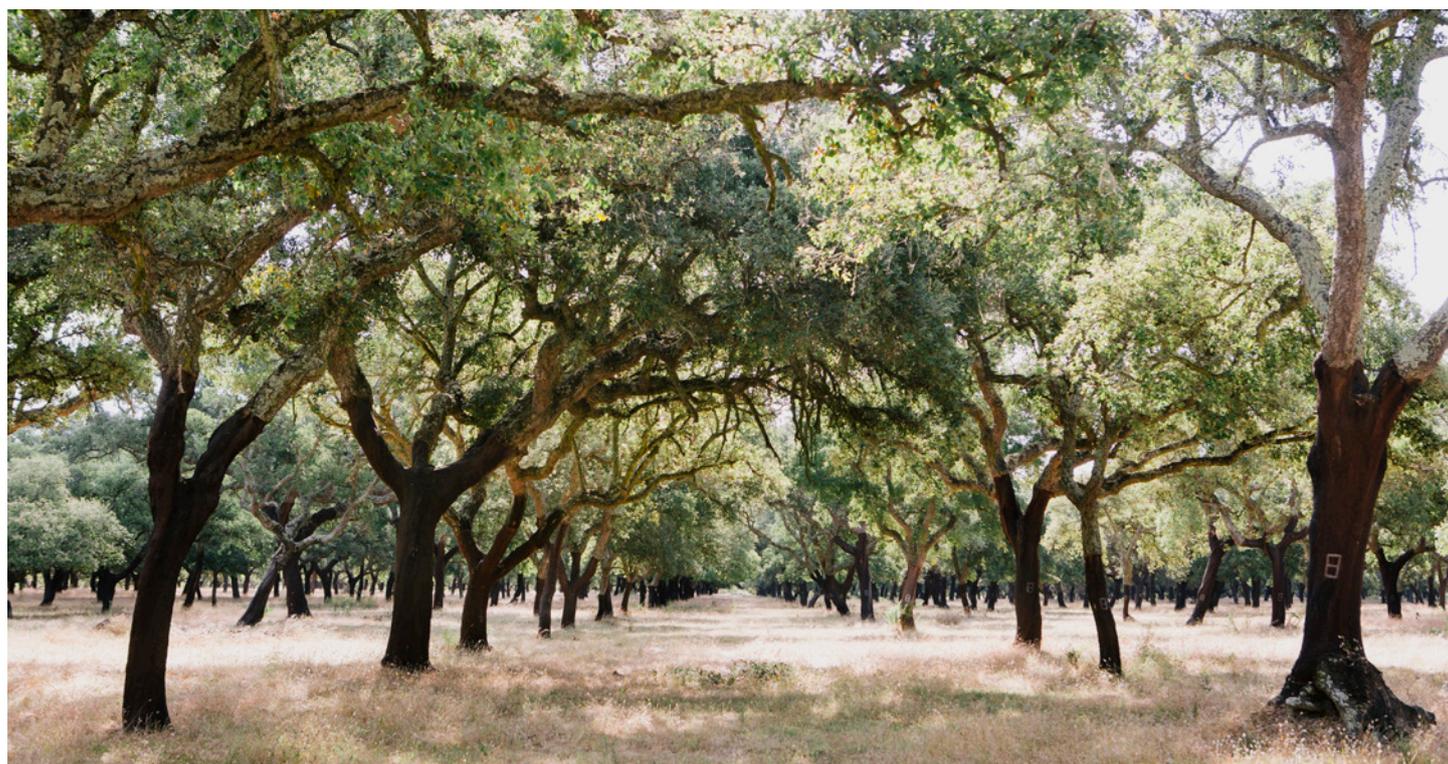


AMORIM NEWS

ANO 38 / NÚMERO 4

O melhor ainda está por vir

Somos um dos mais recentes participantes do United Nations Global Compact, iniciativa das Nações Unidas que reúne organizações cujas estratégias, atividades e operações estão alinhadas com princípios universais de direitos humanos, práticas laborais, proteção ambiental e combate à corrupção. Os nossos colaboradores plantaram em dez anos dezenas de milhares de árvores autóctones em Portugal, tendo contribuído para a reflorestação do país, a manutenção de ecossistemas e a preservação da biodiversidade. Apoiamos projetos de I&D baseados em conhecimento, tecnologia e inovação, cujo objetivo é tornar a produção florestal mais atrativa, rentável e resiliente. O ambientalista consultor da UNESCO Martí Boada considera «a árvore da cortiça a minha favorita», os *millennials* preferem garrafas de vinho vedadas com rolhas de cortiça, o novo MINI STRIP desenhado pelo estilista Paul Smith utiliza cortiça no seu interior. E o melhor ainda está por vir!



-
- 3** Editorial
António Rios de Amorim
- 4** 1870 AMORIM 2020: Matéria, Memória, Futuro
- 6** «Confesso que considero a árvore da cortiça a minha favorita»
Martí Boada
- 9** Produção florestal mais atrativa, rentável e resiliente
- 11** A energia que move a Amorim
- 14** Cortiça da Amorim no interior do novo MINISTRIP
- 16** Casa Villae 1255 abre ao enoturismo
- 17** Quinta Nova integra rede Relais & Châteaux
- 18** Jovens preferem rolhas de cortiça
- 19** Hydrocork Plus: ainda mais à prova de água
- 20** Corticeira Amorim é participante do UN Global Compact
- 21** António Rios de Amorim vence prémio de melhor CEO do ano
- 22** Duas mãos cheias de plantações
- 23** Traços de Gente



Um dos mais recentes estudos levado a cabo no Reino Unido concluiu que a rolha de cortiça é a primeira escolha para as novas gerações - *Millennials* (nascidos entre 1981 e 1996) e Geração Z (nascidos entre 1996 e 2010).

Isto é, os apelidados «nativos digitais» são hoje as principais forças motrizes do futuro do negócio do vinho. Particularmente atentos a fatores como a origem, a qualidade e a sustentabilidade, estes jovens-adultos valorizam produtos naturais, ecológicos, biodegradáveis. Uma excelente notícia para o porvir da indústria das rolhas que terá ainda muito para oferecer ao mundo vitivinícola. De resto, a Corticeira Amorim continuará a apostar na inovação para ganhar quota de mercado aos vedantes sintéticos, empregará todos os esforços para diminuir o impacto ambiental da produção de rolhas de cortiça e prosseguirá investigação para melhor compreender a interação entre o vinho e a rolha.

Mas o atual papel da nossa empresa alarga-se bastante para além desses mágicos cilindros que mantêm o estatuto de produto mais valioso de toda a fileira da cortiça. As indústrias aeroespacial, automóvel, construção, desporto, energia e design de interiores são apenas algumas para as quais persistiremos no trabalho de criação de novos materiais, soluções e aplicações. Sempre a partir das propriedades inigualáveis da cortiça. Muitas vezes inclusive misturando-a com subprodutos de outras atividades, como a têxtil, o calçado ou a borracha, criando referências inovadoras sob os auspícios da economia circular. Práticas que na Corticeira Amorim são parte fundamental de uma estratégia integrada de gestão assente também na redução, reutilização e reciclagem. Queremos igualmente reforçar a intervenção florestal, tendo em vista a promoção da rentabilidade, da biodiversidade e da sustentabilidade do montado de sobro. Para tal, fomentaremos mais estudo, pesquisa e investigação dedicados ao sobreiro, de modo a aprofundar o conhecimento científico da espécie, a conceber

renovados métodos, sistemas e tecnologias para o seu desenvolvimento, e a aumentar a capacidade de resistência, conservação e sobrevivência desta ímpar árvore autóctone. Uma silvicultura de precisão respaldada na biotecnologia que conta com a colaboração de empresas, laboratórios, universidades, centros de saber e proprietários florestais. Desta forma, será possível suportar o previsível incremento da procura da cortiça, fruto da sua crescente aplicabilidade em diferentes produtos, atividades e setores. Paralelamente, oferecemos aos produtores de floresta uma equação superiormente apelativa em termos económico-financeiros. Líder de uma das indústrias mais sustentáveis do mundo, a Corticeira Amorim está tal-qualmente comprometida em oferecer artigos com baixa pegada carbónica, em desenvolver processos com maior eficiência e em implementar tecnologias, ferramentas e técnicas com melhor desempenho ambiental. Designios alinhados com os princípios ESG (*Environmental, Social e Governance*) que têm enorme relevância para a empresa, para os nossos acionistas e para os diversos *stakeholders*. Isto sem esquecer a total responsabilização da Corticeira Amorim para com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (ODS). Ontem como hoje, é a paixão pela cortiça que movimenta o universo Amorim. O nosso grande trunfo reside no conhecimento desta matéria-prima única. Um *know-how* que continuaremos a expandir ininterruptamente. Reforçando as competências internas, alargando âmbitos de atuação distintos e estabelecendo qualificadas parcerias com a ciência. Até porque o melhor ainda está por vir.

ANO 38
NÚMERO 4
MARÇO 2022

Sede
Rua Comendador Américo
Ferreira Amorim, nº 380
4536-902 Mozelos VFR
Portugal

Propriedade
Corticeira Amorim

Coordenação
Rafael Alves da Rocha

Redação
Editorialista
Inês Silva Dias

Opinião
António Rios de Amorim

Edição
Corticeira Amorim

Projecto gráfico
Studio Eduardo Aires
Studio Dobra (paginação)

Tradução inglês
Sombra Chinesa

**Tradução Alemão,
Espanhol, Francês**
Expressão

Impressão e Acabamento
Lidergraf –
Artes Gráficas, S.A.

Distribuição
Iberomail Correio
Internacional, Lda

Embaladora
Porenvel Distribuição,
Comércio e Serviços, S.A.

Periodicidade
Trimestral

Tiragem
22.000 exemplares

Depósito Legal
386409/15

A Corticeira Amorim, S. G. P. S., S.A. compromete-se a proteger e a respeitar a sua privacidade. Poderá deixar de receber a Amorim News em qualquer altura. Para o efeito, envie-nos um email para press@amorim.com. Para mais informações sobre as nossas práticas de privacidade, bem como sobre o exercício dos seus direitos reais aos seus dados pessoais, consulte a nossa Política de Privacidade, disponível em www.amorim.com

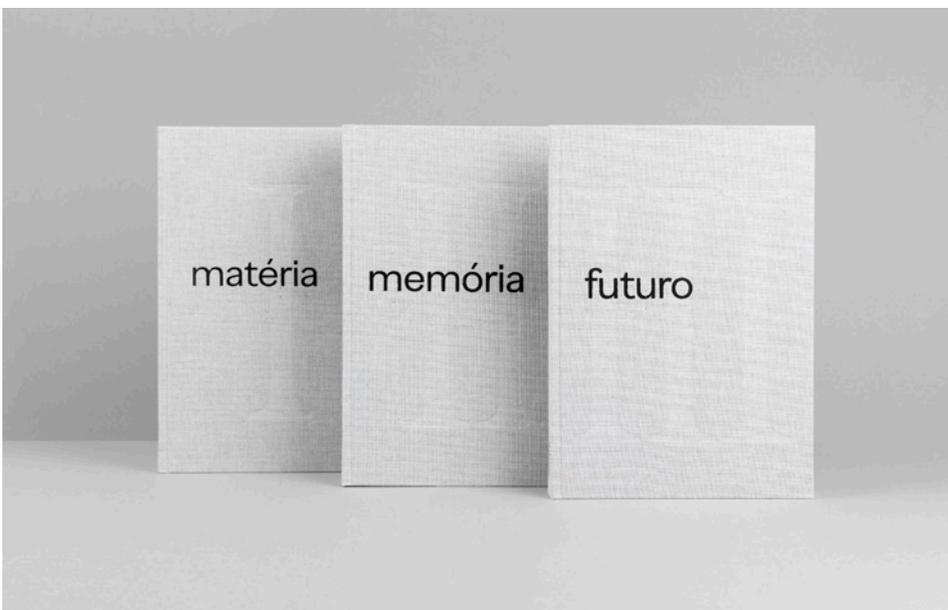
1870 AMORIM 2020: Matéria, Memória, Futuro

A Corticeira Amorim acaba de publicar a obra «1870 AMORIM 2020», um livro dedicado aos 150 anos de história empresarial da família Amorim. Dividida em três volumes, «Matéria», «Memória» e «Futuro», a obra traça, então, o percurso de projetos, desafios e conquistas de quatro gerações da família. Sob o lema «nem um só mercado, nem um só cliente, nem uma só divisa, nem um só produto», o grupo Amorim ultrapassou barreiras geográficas, crises económicas, regimes políticos, convulsões sociais e condicionamentos industriais transformando-se num dos principais *players* do ecossistema empresarial nacional com relevante projeção internacional. Posição atualmente consolidada em dezenas de empresas espalhadas pelos cinco continentes, na exportação de diversos produtos para mais de 100 países e no papel de líder global do setor da cortiça. A matéria-prima genuinamente portuguesa que une quotidianamente mais de 4400 colaboradores em todo o mundo.

A epopeia teve início em 1870 quando António Alves de Amorim, aproveitando a crescente procura internacional de vinho do Porto, funda uma pequena oficina rolheira em Vila Nova de Gaia. Marco inaugural do volume «Memória», depois desdobrado nos múltiplos acontecimentos que engrandecem a história da família Amorim. São 150 anos de esforço, iniciativa e perseverança que têm como denominador comum a cortiça, material em torno do qual se veio a construir um dos mais sólidos grupos económicos portugueses. A partir de uma aturada investigação conduzida pelo professor Carlos Oliveira Santos, dá-se também a conhecer como as dinâmicas no seio familiar determinaram as decisões de gestão e o sucesso do grupo Amorim. Reservando, obviamente, um papel de destaque para Américo Amorim, um dos grandes responsáveis pela expansão industrial, verticalização e internacionalização do negócio da cortiça, e impulsionador da pioneira e bem-sucedida incursão do grupo em muitos outros setores de atividade, como a banca, o imobiliário, as telecomunicações, a hotelaria e o turismo.



Todavia, nenhuma história haveria para contar sem essa matéria-prima única que é a cortiça. Material que, pelos seus atributos, qualidades e características, comanda a criação de inúmeros objetos, soluções e funções. Partindo igualmente de investigação liderada pelo professor Carlos Oliveira Santos, o volume «Matéria» divide a narrativa em quatro momentos – as «Eras da Cortiça» – traçando um percurso fascinante que demonstra como, desde muito cedo, a humanidade percebeu o potencial da cortiça. Um produto 100% natural, ecológico, renovável, reciclável e reutilizável usado já na Era Antiga como vedante das ânforas. Seguiram-se as eras Medieval, Industrial e Pós-industrial que nunca deixaram de procurar novos usos para tamanha dádiva da Natureza.



Perspetivar o futuro

Século e meio de história é, paralelamente, o momento certo para perspetivar o futuro. De resto, um amanhã que a Corticeira Amorim pensa, desenha e constrói apostando na inovação, na investigação e na sustentabilidade. Certa do crescente protagonismo que caberá à cortiça na criação de um mundo melhor. Uma matéria-prima de características ímpares que até hoje nenhuma fórmula laboratorial conseguiu replicar: cada centímetro cúbico de cortiça contém cerca de 40 milhões de células. Um recurso orgânico elástico e compressível, isolante térmico e acústico, impermeável, flutuante e resiliente. Uma substância inimitável capaz de gerar valor social, ambiental e económico, com altas credenciais de sustentabilidade, e aliada do equilíbrio climático. O livro «Futuro», da autoria do jornalista Nelson Marques, explora também o espectro de produtos, soluções e aplicações possíveis dentro de um infindável conjunto de domínios, dos vinhos, espumantes e espirituosos, às indústrias aeroespacial, automóvel, construção, desporto, energia e design de interiores - e são somente alguns. Destaque também à série de projetos habilitados a revolucionar o paradigma da atividade da cortiça, como a intervenção florestal, a viabilidade do montado ou a floresta 4.0, ou o conjunto de materiais, processos e fórmulas passíveis de potenciar as propriedades da cortiça. A obra «1870 AMORIM 2020» tem curadoria fotográfica de Lara Jacinto, o design é da responsabilidade do Atelier d'Alves e a impressão e acabamento são assegurados pela Gráfica Maiadouro.





«Confesso que considero a árvore da cortiça a minha favorita»

O geógrafo e ambientalista catalão Martí Boada tem dedicado a sua vida ao estudo dos ecossistemas e ao seu impacto na vida do planeta. Consultor da UNESCO em matéria ambiental, e Prémio Nacional do Meio Ambiente outorgado pelo Governo Espanhol, Boada é um profundo conhecedor, e admirador, da floresta de sobro no Mediterrâneo, região onde nasceu. Nesta entrevista exclusiva para a Amorim News, realça que vivemos um momento histórico, onde todos estamos convocados para travar a emergência climática. A cortiça, destaca, é parte da solução.

Nasceu no Mediterrâneo, onde a floresta autóctone de sobro é fundamental para o equilíbrio ecológico. De que maneira é que esse contexto natural influenciou o seu percurso?

Sinto um forte compromisso pessoal, planetário, e global, que coexiste com um sentimento profundo de ligação com as minhas raízes mediterrânicas. Tanto os ecossistemas como as pessoas que convivem com eles no espaço mediterrânico têm uma relação intensa de dependência com a abundante energia lumínica que tão generosamente temos à nossa disposição. Os nossos ecossistemas mediterrânicos têm, como característica diferenciada, uma grande quantidade de luz disponível e limitações em termos de disponibilidade hídrica. Estes dois vetores são a chave para compreender o metabolismo global das suas paisagens, com predominância de árvores de folha não caduca, sem grandes mudanças sazonais. À escala humana, o Mediterrâneo é um caldo de culturas dinâmicas e mutáveis que se sobrepuseram ou ligaram ao longo da história, gerando formas de civilização muito atípicas e notórias na história da humanidade.

Qual foi o seu primeiro contacto com a cortiça? O que lhe suscitou?

As minhas primeiras memórias são da minha infância, muito agradáveis. A minha família esteve ligada à floresta durante muitas gerações, os meus avós trabalhavam com carvão, o meu pai era um transportador florestal. Em frente da nossa casa havia uma pequena indústria familiar de rolhas. Ainda me lembro, e reconheço o cheiro, das «balas» da cortiça quando eram cozidas numa caldeira velha, era uma sensação muito agradável para mim. Naquela época, nós crianças passávamos horas a brincar nos montes de cortiça, com a cumplicidade tolerante do simpático industrial, Sr. Cassi. Eram outros tempos, sem dúvida. Esse cenário infantil/familiar foi determinante no meu percurso existencial. Essa relação inicial com a cortiça favoreceu o meu encanto e a minha paixão pelas árvores e pela floresta. Das mais de vinte mil árvores selvagens espalhadas pela face da Terra, confesso que considero a árvore da cortiça a minha favorita. Ela representa um exemplo de evolução positiva lenta, sendo capaz de converter uma perturbação agressiva – um incêndio florestal – em geração de grandes

quantidades de suberina, um componente de autoproteção extraordinário, cujo valor transcende a ecologia.

A cortiça é um material utilizado pelo homem há milénios. No entanto, é profundamente contemporânea. O que é que a cortiça tem a dar ao mundo atual?

Não podemos esquecer que nos encontramos num momento histórico de crise ambiental sem precedentes, que realmente é muito grave. Não é por acaso que a própria ONU decretou o estado de Emergência Climática. Uma crise que se mostra imparável e que revela que algumas formas de produção, de relação e intervenção no território não foram bem-feitas, embora nos custe aceitar. Alguns impactos graves, tais como as emissões de CO₂, não são visíveis na atmosfera e, portanto, não provocam uma reação social. Neste cenário de crise, a cortiça traz uma mensagem positiva. Pode-se falar de uma dimensão pedagógica notória, é um exemplo de lição de economia bio-circular, ou melhor, de sustentabilidade. O seu processo produtivo natural desenvolve-se de forma limpa, a partir de forças indutoras biofísicas.

Neste contexto de crise, o seu contributo para novas formas de construção sustentável e produtos tecnologicamente avançados é uma realidade e uma esperança.

O montado é um ecossistema único no mundo. Como geógrafo e ambientalista, quais são as características que salientaria nesta floresta mágica?

Nas florestas de sobreiros do nordeste da Península Ibérica que estudámos, observámos que a fauna vertebrada, especificamente as aves, o número de espécies é muito semelhante às florestas de azinheira (*Quercus ilex*), mas a densidade populacional é consideravelmente maior nas florestas de sobreiro. Esta maior riqueza populacional deve-se a dois fatores: a estrutura macia e quebrada do *Quercus suber* L. permite o alojamento de numerosos artrópodes na fase larval ou adulta, o que representa uma alta disponibilidade de proteínas para as aves. Ao mesmo tempo, o espaço produzido no interior dos ramos senescentes permite uma nidificação eficiente a salvo da pressão dos predadores, muito mais eficiente do que nos ninhos construídos ao ar livre sobre uma azinheira e outras árvores que a acompanham. Isto explica a bondade do sobreiro para a biodiversidade, em comparação com outras florestas mediterrânicas. O montado luso-hispânico representa uma variável muito singular e importante do montado de sobreiro, é um exemplo de um sócio-ecossistema, onde a sustentabilidade se expressa de uma forma muito abrangente. Por um lado, com formas de produção muito relevantes, tais como o presunto de grande qualidade e renome e sobreiros de mais alta qualidade. Ao mesmo tempo, a biodiversidade que aloja, pois acolhe algumas das espécies mais ameaçadas na Europa. É um exemplo incontornável da natureza e da atividade humana em harmonia.

Acabamos de sair de mais uma cimeira sobre as alterações climáticas. Até que ponto está otimista em relação aos resultados da COP26?

A verdade é que não estou otimista, os acordos assinados em Glasgow são fracos, o consenso obrigatório entre os líderes mundiais de 190 países levou a acordos que são claramente insuficientes para conter a ameaça climática. Embora não sejam juridicamente vinculativos, foram assinados cinco acordos-chave, que foram considerados um feito, entre os quais a redução das emissões de carbono e a manutenção do aquecimento global

Neste contexto de crise, o contributo da cortiça para novas formas de construção sustentável e produtos tecnologicamente avançados é uma realidade e uma esperança.

abaixo dos dois graus Celsius. São vistos como um instrumento preliminar para ajudar a ultrapassar a crise climática e alcançar os níveis básicos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Nos países da União Europeia (UE), os acordos do European Green Deal (Pacto Ecológico Europeu) deverão conduzir a um dos esforços mais sérios e urgentes para combater as alterações climáticas e alcançar uma UE neutra em termos de emissões até 2050. Um dos principais objetivos é proteger a vida humana, a vida animal e vegetal, reduzindo drasticamente a poluição, implementando uma transição para a nova bio-economia circular, acompanhada em paralelo por uma transição energética através de uma renovação profunda a partir de formas de energia limpas, fiáveis e renováveis.

Em abril de 2022, teremos a Cimeira sobre a Biodiversidade em Kunming, na China. Quais são, na sua opinião, as questões mais urgentes em cima da mesa?

O valor da biodiversidade para a vida no planeta e os riscos associados à sua perda ficaram plasmados na Cimeira do Rio 92, onde a Convenção sobre Biodiversidade foi apresentada e assinada pela maioria dos países participantes. Outra coisa tem sido o escasso nível de cumprimento deste tratado. A próxima Cimeira de Kunming representa a esperança para a tomada de medidas decisivas para travar o incessante processo de perda da biodiversidade e dos ecossistemas que a suportam. De acordo com um relatório recente da ONU, a chamada «sexta extinção», que difere das cinco extinções reconhecidas anteriormente por ser a única induzida pelos humanos, está atualmente a produzir-se de forma acelerada. Neste relatório, o diagnóstico aponta para uma perda de cerca de um milhão de espécies, e só nas últimas duas décadas foram desflorestados 100 milhões de hectares.

Parece claro que a mitigação das alterações climáticas depende da vontade política, da concertação de vontades. O que é que podemos fazer, individual e coletivamente, ao nível da sociedade civil, para acelerar essa transformação de que o mundo precisa?

A primeira consideração é que estamos perante uma crise muito grave de civilização, do nosso modelo de relação com o planeta. É preciso assumir isto, primeiro enquanto indivíduos e depois enquanto coletivo: a situação é muito preocupante. Sem ser apocalípticos, mas com conhecimento, é urgente tomar consciência do momento histórico que vivemos. Pessoalmente, sugiro a aplicação do princípio de Margalef sobre o assunto: capacitar para compreender. Uma pessoa bem informada irá sempre multiplicar a sua capacidade de análise, uma pessoa mal informada, no mínimo, subtrai. A partir da investigação e da divulgação é essencial comunicar de uma forma séria e eficaz. Não assustar com alarmismos extremos, provocando o conhecido «efeito chama», em que uma mensagem num tom catastrofista tem um efeito de rejeição no recetor, como resposta enquanto mecanismo de defesa. O empenho pessoal é altamente recomendado. É necessária uma atitude responsável e empenhada na mudança, na nossa forma de nos relacionarmos com o ambiente que nos sustenta existencialmente. Contribuir para a mudança exige a colaboração de todas as disciplinas, afastando-se da ideia de que se trata de um assunto para defensores e/ou especialistas do meio ambiente. O momento delicado convocamos a todos. O bio-economista Bellamy oferece-nos uma metáfora perspicaz: «Que ninguém fique a tocar violino enquanto a floresta arde».

Produção florestal mais atrativa, rentável e resiliente

Na base da indústria da cortiça está uma árvore, o sobreiro, e uma floresta, o montado. Francisco Almeida Garrett, engenheiro agrónomo e produtor florestal, abriu caminho para a inovação neste setor, ao lançar, em 2003, a primeira plantação experimental de sobreiros em Portugal. O modelo foi depois replicado e desenvolvido pela Corticeira Amorim, em parceria com a Universidade de Évora, sendo um dos pilares do Projeto de Intervenção Florestal do grupo. Levando a tradição mais longe, alicerçando-a na ciência e na inovação, Francisco Almeida Garrett é o primeiro convidado de uma série de conversas sobre floresta e produção florestal em Portugal, que inauguramos neste número da Amorim News.

Tornar a produção florestal mais atrativa, rentável e resiliente para quem está na base, é uma questão estratégica para uma fileira cujo futuro depende de mais e melhor cortiça. Em Portugal e no mundo, a floresta é um setor estratégico, que, para Francisco Almeida Garrett, só poderá desenvolver-se apostando na «investigação e na inovação». A inovação é, de facto, uma palavra-chave na trajetória de Almeida Garrett, que em 2003 foi pioneiro no setor, ao decidir fazer uma plantação experimental de sobreiros, ensaiando a ferti-irrigação destas árvores. Este projeto precursor foi uma das inspirações para o Projeto de Intervenção Florestal que a Corticeira Amorim tem em curso desde 2013.

Mas antes da inovação, a tradição. Francisco Almeida Garrett vem de uma família desde sempre ligada à terra, e o montado é uma presença muito forte na sua vida. A paixão e o respeito pelo sobreiro vêm de longe: «O sobreiro é o elo principal do sistema (montado) sendo, do ponto de vista económico e ambiental, o sustento do todo, principalmente nas terras mais fracas, e, deixe-me parafrasear Vieira Natividade, “Nenhuma árvore dá tanto exigindo tão pouco”, ou como dizia a minha avó “com ele sempre me encontrei nos momentos difíceis”. É isto que sempre me atraiu no sobreiro... e se já dá tanto com tão pouco... o que dará se lhe proporcionarmos o que precisa!»



É a partir desta simples constatação que Almeida Garrett dá início àquela que seria, porventura, a aventura da sua vida. Olhando à sua volta na propriedade da família, a Herdade do Conqueiro, o engenheiro pensou que para além de olival e de vinha, havia espaço para mais. Havia uma zona com alguns sobreiros, e foi aí que teve a ideia de iniciar uma plantação experimental: «Foi na tentativa de contrariar o declínio que verificava em certas zonas do montado e procurando dados quanto às necessidades nutricionais do sobreiro... não havia!», recorda. «Também estava bastante desiludido com as taxas de sucesso das plantações e adensamentos em sequeiro. Existiam muitos dados para a oliveira, árvore que quanto ao clima e fisiologicamente se assemelha ao sobreiro. Assim, ao instalar um olival intensivo e uma vinha aproveitei as áreas onde havia alguns sobreiros para ensaiar a ferti-irrigação de sobreiros.» Tratando-se de sobreiros, árvores resilientes pelas quais por tradição é preciso esperar, os resultados eram uma incógnita. Mas ao fim de oito anos, chegaram. Foi possível fazer a primeira extração de cortiça (desbóia) de bastantes árvores, e o caminho, assim aberto, anunciava-se animador.

Um novo fôlego para a fileira

O êxito da experiência, que reunia inovação e visão, rapidamente suscitou interesse. E a aproximação da Corticeira Amorim dá-se logo a seguir. Com o envolvimento da

indústria corticeira e a vertente académica, conferida pela parceria imediatamente estabelecida com a Universidade de Évora para avaliação e validação do efeito da ferti-rega na plantação de sobreiros, o projeto ganha um novo fôlego. Na sequência da experiência inicial de Almeida Garrett, são desenvolvidos, nos anos seguintes, projetos referências, tais como o Regasuber, o Irricork e o GoRegaCork, aprofundando a parceria entre a Corticeira Amorim e a Universidade de Évora na investigação do sobreiro. As sementes da mudança estavam lançadas, e os primeiros resultados estavam à vista. Mas eram necessários factos, números, que validassem a experiência. As investigações desenvolvidas pela Universidade de Évora no âmbito destes projetos permitiram concluir que a irrigação aumentava a taxa de sobrevivência dos sobreiros de 20 para 90% e antecipava o período da primeira extração de cortiça de 25 para 10 anos. Para os produtores florestais, a questão da rentabilidade é, naturalmente, essencial. Depois de se focar no conhecimento profundo da cortiça, a Corticeira Amorim anunciou, em 2020, que era prioritário concentrar os esforços no conhecimento do sobreiro, fonte de mais e melhor matéria-prima, e garante da sustentabilidade do negócio. Esta estratégia, que só poderá ter resultados tornando a produção de sobreiros mais atrativa para todos, tem-se consumado em ambiciosos projetos de diferentes índoles.

Silvicultura de precisão

Um deles acontece na Herdade da Venda Nova, em Alcácer do Sal, onde a Corticeira Amorim desenvolveu um «laboratório vivo» com 100 mil árvores. Trata-se de uma plantação com irrigação gota a gota, apoiada em sondas espalhadas pela herdade, e numa estação meteorológica ligada a um satélite. Estas tecnologias permitem calcular a quantidade de água necessária para irrigar cada parcela, consoante as condições climáticas. A ideia é testar este modelo de «silvicultura de precisão» para posteriormente poder difundir-lo, partilhando conhecimento, e alargando-o a outros produtores florestais. Indubitavelmente, nas últimas duas décadas avançámos muitíssimo no conhecimento desta árvore única que é o sobreiro. Mas há ainda muito por fazer para alargar o reinado do «Monarca da Floresta». «Há ainda um longo caminho a percorrer no conhecimento do sobreiro e do montado, sendo as prioridades, do meu ponto de vista, a genética, as necessidades nutricionais, e a resistência às pragas e doenças», sustenta Francisco Almeida Garrett.

A energia que move a Amorim

Da produção da cortiça à sua transformação em produtos com pegada de carbono negativa, há um compromisso transversal na Corticeira Amorim: reduzir ao mínimo os impactos ambientais negativos da sua atividade, contribuindo para um futuro (e uma indústria) ainda mais sustentável. Um compromisso que, traduzido em gijajoules (unidade de medida de energia), envolve milhares de painéis fotovoltaicos, caldeiras alimentadas a biomassa e rolhas de cortiça que se movem com a força do ar. Não, isto não é ficção. É a energia que move a Amorim.



Acrescentar valor à cortiça, de forma competitiva, diferenciada e inovadora, em perfeita harmonia com a Natureza, é a missão assumida pela Corticeira Amorim perante os seus *stakeholders*. Uma «perfeita harmonia» que só é possível alcançar tendo uma visão holística daquilo que é a sustentabilidade do negócio e uma atitude proativa na implementação das melhores práticas, incluindo no que toca à energia. Em 2020, a energia consumida pela empresa foi de 1 638 mil gigajoules (Gj). 83% desse valor teve origem em fontes renováveis, entre as quais se destaca a biomassa que representa a maior fatia (66%). Nesse mesmo ano, foram implementadas mais de 100 medidas de eficiência energética, que resultaram num investimento aproximado de 2,2 milhões de euros, numa poupança gerada superior a 56 mil Gj e em mais de 2400t CO₂eq evitadas. Entre essas medidas, encontramos ações simples e intuitivas, como a alteração da iluminação das fábricas e dos escritórios, e ações mais complexas que exigem grandes investimentos e adaptações. É o caso do uso do ar comprimido para gerar movimento nos processos industriais. Ou seja, utilizar a energia libertada por ar comprimido para, por exemplo, fazer com que rolhas de cortiça se desloquem de um lado para o outro, avançando na cadeia de produção. Uma medida de grande impacto e investimento que está presente hoje em todas as unidades de negócio. Ainda assim, após a implementação, o trabalho não fica por aqui. Segue-se, então, um rigoroso programa de monitorização das ações que, neste caso em concreto, tem como objetivo melhorar a eficiência. Uma outra medida de grande impacto, e investimento, foi a substituição de caldeiras das unidades industriais. As caldeiras em operação, apesar de funcionarem já com energia renovável, proveniente de biomassa (pó de cortiça), foram trocadas por soluções mais modernas e eficientes. O que permitiu aumentar a capacidade destes sistemas, melhorar o rendimento do pó de cortiça na produção de energia e, inclusive, introduzir a possibilidade de utilizar outras fontes de biomassa, reduzindo o uso de gás natural e as emissões atmosféricas libertadas.



A magia da biomassa

A energia de biomassa faz parte do ADN da Corticeira Amorim, sendo uma das fontes mais antigas utilizadas no processo industrial. Renovável e endógena, ou seja, com origem no interior da empresa no normal processo da sua atividade, a biomassa na prática não resulta em eletricidade. Mas sim em energia térmica, e é atualmente a principal fonte de energia consumida pelas unidades industriais (66%). Não produz um aumento líquido das emissões de dióxido de carbono e é uma forma de aproveitar a cortiça que não serve para a produção de produtos. Em 2020, a produção de energia a partir de biomassa, na sua maioria pó de cortiça gerado endogenamente na produção, totalizou cerca de 1075 mil GJ (2019: 988 mil GJ).

Diga-se «na sua maioria», pois as novas caldeiras permitem utilizar outras fontes de biomassa além da cortiça. Uma alteração que pode parecer estranha à primeira vista, mas que rapidamente se clarifica quando recordamos a maior máxima do negócio: nada se perde, tudo se transforma. Ou seja, há uma constante preocupação em implementar tecnologias e processos produtivos que garantam a otimização do rendimento da cortiça consumida no ciclo industrial, cumprindo o objetivo do desperdício zero. Por essa razão, há cada vez menos pó resultante da atividade, o que leva ao recurso a biomassa proveniente de outras fontes e, igualmente, à aposta em mais projetos que visam a otimização do rendimento do pó de cortiça. Estes e outros projetos de melhoria são alvo de especial atenção no Fórum de Eficiência Energética da Corticeira Amorim.

Como forma de incentivar a partilha e a interação entre os diferentes intervenientes na área da energia da empresa, a Corticeira Amorim organiza, então, duas vezes por ano o Fórum de Eficiência Energética. Os objetivos destes encontros passam por discutir novas formas de melhorar a eficiência no dia a dia das operações e acompanhar a evolução do consumo dos recursos energéticos ao dispor nas fábricas, nomeadamente, do pó de cortiça, da energia elétrica, do gás natural e GPL. Permitem ainda rever a adequação da tecnologia ao aumento produtivo, prever necessidades, e apresentar e discutir cenários de consumo dos recursos. Miguel Bento, Energy Manager na Corticeira Amorim, é responsável pela realização destes fóruns, apresentando semestralmente a agenda de trabalhos que inclui também a monitorização de medidas previamente implementadas, num esforço

de melhoria contínua que permite evitar dar passos no sentido inverso. Nestas ações participam perto de 30 colaboradores de todas as unidades, dos CEOs até às equipas de chão de fábrica, aos quais há que juntar uma média de 10 pessoas de empresas externas convidadas.

Plano fotovoltaico 21-24

Apesar das energias renováveis representarem já 83% da energia consumida pela Corticeira Amorim, o objetivo é reforçar ainda mais essa percentagem, quer através da seleção dos fornecedores de energia em função do peso da energia renovável no seu mix, quer através do investimento direto em projetos fotovoltaicos. Nesse sentido, no final de 2020, a empresa apresentou o ambicioso Plano Fotovoltaico 21-24. Conduzido pelo departamento central de gestão de energia, o plano arrancou em 2021 e decorre até 2024, altura em que se pretende que uma parte significativa do consumo de energia das principais unidades industriais seja proveniente

de energia fotovoltaica. O projeto permitirá, assim, diminuir a exposição das unidades industriais ao volátil mercado da energia. A tecnologia será implementada nas coberturas das fábricas e a energia produzida será na totalidade para autoconsumo. Até 2024, serão instalados 22000 kilowatts (kW) com recurso a mais de 40 mil painéis solares, num investimento que se prevê ultrapassar os 11 milhões de euros. O futuro passa por continuar os esforços para tornar a energia que move a Amorim cada vez mais limpa, ambicionando chegar a um cenário onde 100% da energia utilizada é proveniente de fontes renováveis. A cada dia somam-se as medidas e multiplica-se a ambição. Um movimento ininterrupto munido da energia certa.

Fontes: Relatório de sustentabilidade da Corticeira Amorim, 2019 e 2020.



Cortiça da Amorim no interior do novo MINI STRIP



Integrada no tampo do tabliê, palas de sol e portas, a cortiça é uma matéria-prima natural, contribuindo, assim, para reduzir a pegada ambiental deste exemplar único feito à medida pelo construtor germânico, que conta com a assinatura do estilista britânico Paul Smith.

Fornecida pela Amorim Cork Composites, unidade de negócio da Corticeira Amorim que desenvolve produtos, soluções e aplicações para algumas das atividades mais sofisticadas do mundo, como são exemplos as indústrias aeroespacial, automóvel, construção, desporto, energia ou design, a cortiça confere ainda ao novo carro da marca alemã conforto, impermeabilidade, e isolamento térmico, acústico e antivibrático.

Utilizando técnicas de moldação, as características naturais da cortiça como a leveza, a elasticidade e a suavidade ao toque unem-se, proporcionando uma sensação de bem-estar, beleza natural e comodidade no interior do automóvel. Uma solução que, tendo presente a resiliência, a compressibilidade e a resistência ao atrito deste material único, também está preparada para resistir às exigências do quotidiano. Seja pelo uso consecutivo, pela condução mais desportiva ou pelo estado das vias rodoviárias.

O presidente e CEO da Corticeira Amorim, António Rios de Amorim, afirma que «a utilização de cortiça num icónico modelo automóvel como o MINI é a premissa de uma mudança no setor da mobilidade que está já em curso. Uma alteração de paradigma da qual a Corticeira Amorim faz

parte integrante». Acrescenta, ainda, que «a cortiça é uma matéria-prima tão excepcional por natureza que pode parecer impossível aprimorá-la. Mas é precisamente isso que a Corticeira Amorim tem conseguido nos últimos 150 anos, através de programas estruturados de inovação, apostando na diferenciação com base nas qualidades ímpares da cortiça e contribuindo como nenhuma outra empresa do setor para a reinvenção deste material natural singular.»

Acrescentar valor à cortiça de forma competitiva, diferenciada e inovadora

A cortiça integrada no interior do novo MINI STRIP, que é reciclada, reciclável e sem quaisquer agentes sintéticos, representa mais uma conquista alinhada com a missão da Corticeira Amorim: a de acrescentar valor à cortiça de forma competitiva, diferenciada e inovadora, em perfeita harmonia com a Natureza. Ouseja, fomentando o desenvolvimento de produtos, práticas e soluções sustentáveis. Ao mesmo tempo que satisfazem as necessidades dos consumidores, antecipam as tendências do mercado, e superam as expectativas de algumas das mais exigentes indústrias do globo.



Casa Villae 1255 abre ao enoturismo



Integrada na Taboadella, o mais recente projeto vitivinícola da família Amorim, a Casa Villae 1255 oferece a atmosfera ideal para quem procura o Dão. Nascida na época medieval, a Casa Villae 1255 foi recentemente reconstruída para receber em exclusivo amigos, proporcionando momentos ímpares num lugar aconchegado pela floresta, ponto a partir do qual é possível contemplar o sopé da Serra da Estrela. Rodeada por um jardim secular espreado até às parcelas de vinha e ao lagar romano, a Casa Villae 1255 é, sem dúvida, a mais charmosa unidade de enoturismo da região.

Um total de 720 m² envolvidos por volumosas paredes de granito, distribuídos pelos dois pisos e por uma torre, onde somos acolhidos pelo ambiente familiar e bem português desta casa de montanha preparada para receber 18 pessoas. A Casa Villae 1255 disponibiliza oito quartos no total – três *twins*, quatro duplos e, na torre, um quarto com beliches e uma cama. Oferece igualmente uma cozinha

totalmente equipada para os amantes da gastronomia, onde os visitantes encontrarão de boas vindas vários produtos de mercearia, confortáveis zonas de estar com acesso ao terraço exterior, e uma decoração contemporânea em ambiente tradicional. Uma casa ancestral convertida num alojamento privado que permite vivenciar uma verdadeira casa acolhedora de família do Dão, mas com um toque de modernidade.

Situada em Silvã de Cima, no coração do Dão, a Casa Villae 1255 tem uma vista deslumbrante quer sobre a obra arquitetônica da adega, superiormente enquadrada na paisagem de floresta, quer sobre a mancha única de 42 hectares de vinha, caracterizada por um planalto triangular. Provas de lotes na adega, provas cegas, *wine tours*, e *workshops* de produção local, entre outras artes tradicionais, tornam esta visita obrigatória, decalcando a Casa Villae 1255 para sempre no coração de quem a visita.



Quinta Nova integra rede Relais & Châteaux

A Quinta Nova de Nossa Senhora do Carmo Winery House é a única propriedade do Douro com a insígnia Relais & Châteaux, famosa cadeia internacional conhecida por celebrar a «art de vivre», cultivar relações autênticas com os seus clientes e promover uma imersão na cultura local. Uma distinção atribuída em meados de 2021 que enche de orgulho Luisa Amorim, CEO da Quinta Nova: «Tivemos o privilégio de dar os primeiros passos nesta área, numa altura em que não havia turistas na região do Douro, e é gratificante perceber que os hóspedes e clientes que nos visitam de todo o mundo se sentem em casa, numa casa duriense, e que esta aliança com a Relais & Châteaux faz todo o sentido. Foi um casamento natural que passou pela sua fase de namoro e acaba de se concretizar numa altura tão importante para o Douro e por isso estamos muito felizes». A Winery House da Quinta Nova de Nossa Senhora do Carmo, a primeira Quinta no Douro, e em Portugal, a abrir

um hotel dedicado à temática de vinho, em 2005, representou desde sempre uma imersão à cultura da região. Neste novo membro da Relais & Châteaux, tudo está preparado para proporcionar o conforto de uma grande casa de família portuguesa produtora de vinhos. Os recantos, interiores e exteriores, o património historicamente edificado, as experiências desenhadas ao detalhe, tudo foi pensado para transmitir a paz de um lugar único, em pleno Vale do Douro, numa das regiões vitivinícolas mais antigas do mundo e a primeira a ser regulamentada e demarcada em 1756.

A essência da Winery House Quinta Nova é a paixão pela terra, a partilha pela história, pelo vinho e pelo *terroir*, onde se pode visitar a adega erguida em 1764, descobrir o museu, ouvir o som do vento e o chilrear dos pássaros ou somente relaxar e absorver a calma da paisagem, saboreando um bom copo de vinho.

Terraçu's - o primeiro restaurante Slow Food no Douro

Beneficiando de uma vista deslumbrante sobre o Rio Douro, o Terraçu's, o primeiro restaurante «Slow Food» da região duriense, é o lugar ideal para relaxar, desfrutar de vinhos etéreos e deleitar-se com os pratos delicados da comida fresca, textural e saborosa servida na Quinta Nova com atenção ao detalhe, traços da cultura e de uma identidade imensamente portuguesa. Desenhada pelo Chef André Carvalho, a carta do Terraçu's dedica-se aos produtos frescos da terra, harmonizando-se simultaneamente com os vinhos da propriedade assinados pelo enólogo Jorge Alves. O saber-fazer em todo o seu esplendor na Quinta Nova de Nossa Senhora do Carmo Winery House.



Jovens preferem rolhas de cortiça

Campeã da sustentabilidade, a rolha de cortiça é a primeira escolha para as novas gerações – *Millennials* e Geração Z – revela um estudo publicado no Reino Unido pela Wine Intelligence. No mesmo mercado, dados do UK Wine Trade Report, da Nielsen, confirmam que a opção pela rolha natural se traduz num aumento do valor comercial do vinho.

Analisando o mercado de vinhos no Reino Unido, o estudo Vinitrac da Wine Intelligence concluiu que os consumidores *Millennials* deste mercado, ou seja, aqueles que nasceram entre 1981 e 1996, preferem garrafas de vinho vedadas com rolhas de cortiça. Frequentemente apelidados de «nativos digitais», estes jovens-adultos, além da sua forte apetência para adotar as novas tecnologias, estão particularmente atentos a outros fatores quando compram um produto, nomeadamente, a sua qualidade, e o facto de ser (ou não) natural, ecológico e sustentável. Ora, é exatamente este último fator, a sustentabilidade do produto, que leva estes exigentes consumidores a escolherem rolhas de cortiça em detrimento de vedantes artificiais. O relatório considera ainda que a geração *Millenniale* e Geração Z (consumidores ainda nascidos entre 1996 e 2010) são hoje as principais forças motrizes do futuro da indústria do vinho, pois as suas preferências estão a influenciar a escolha de vedantes para o produto.

Num momento em que o consumidor valoriza cada vez as questões ecológicas, um material com as credenciais de sustentabilidade da cortiça não podia passar despercebido. Mas há mais para além dos gostos dos mais novos. De acordo com o trabalho de pesquisa da Nielsen UK Wine Trade Report, que analisou as 1500 referências de topo no Reino Unido, a utilização de rolhas de cortiça acrescenta valor comercial aos vinhos. Na verdade, os vinhos que utilizam rolhas de cortiça natural continuam a valorizar-se face aos vinhos com vedantes

alternativos, sendo comercializados, em média, a mais £3.04 por garrafa. Com efeito, o estudo evidenciava um aumento do valor de 29% nos vinhos vedados com rolhas naturais, versus 10% nos vedantes artificiais. Em 2017, o preço médio de venda de um vinho com rolha de cortiça no Reino Unido era de £7.05, sendo que em 2021 esse valor subiu para £9.13. Esta sinergia entre qualidade do vinho, opção pela cortiça e aumento do preço médio nos vinhos que utilizam rolhas naturais, agora comprovada no Reino Unido, é uma tendência global, validada

por diversos relatórios que reiteram que os melhores vinicultores do mundo escolhem rolhas de cortiça. O que o trabalho de pesquisa da Nielsen no Reino Unido vem reforçar é que a cortiça, para além de contribuir de forma única para a preservação da qualidade dos vinhos e para a sua evolução em garrafa, é um elemento diferenciador com impacto na valorização/*premiumização* dos vinhos.



Hydrocork Plus: ainda mais à prova de água

A cortiça é um material naturalmente hidrófugo. Esta característica está na base da criação da gama de pisos de cortiça *waterproof* Hydrocork. Lançada em 2015, esta solução tem tido tanto êxito que a Amorim Cork Flooring decidiu investir numa versão melhorada e atualizada do produto. Ainda mais resistente e fácil de instalar. Chama-se Hydrocork Plus e veio facilitar-nos a vida.

Hydrocork Plus leva o piso em cortiça à prova de água ainda mais longe. Partindo da solução original Hydrocork, leva-a a um novo patamar, partindo de uma abordagem centrada no cliente. Estes produtos são como duas gotas de água? Não exatamente. Se têm muito em comum, há uma diferença fundamental: um sistema de encaixe melhorado que permite uma instalação mais rápida e forte, simplificada. O produto é idêntico ao Hydrocork, a gama estrela da marca Wicanders, mas para ter maior resistência, robustez e também maior facilidade de instalação estreia um sistema de encaixe inovador.

Quando foi lançado em 2015, o Hydrocork marcou um ponto de viragem nas soluções para pavimentos de cortiça. Combinando espessura reduzida com a incorporação de cortiça, este pavimento flutuante impermeável entrou no mercado como uma solução diferenciadora e de alto valor acrescentado. Foram precisos dois anos, e um forte investimento em Inovação e I&D, para desenvolver um produto que respondesse à procura do mercado por soluções mais sustentáveis, eficientes, e que tirassem o maior partido das propriedades da cortiça em termos de isolamento, conforto e flexibilidade. Desde a sua entrada no mercado, o pavimento Hydrocork original tornou-se o mais vendido da Wicanders, com o crescimento mais rápido das vendas na história da marca.

Mantendo as características originais, com núcleo composto de cortiça, baixa espessura e impermeável, esta nova versão apresenta um novo sistema de fecho, combinando a solução original PressFit no lado comprido com 2G no lado curto. Esta combinação permite um sistema de encaixe mais forte, ao mesmo tempo que proporciona estabilidade e uma instalação fácil e ainda mais rápida. Eficiente, simples, e adaptando-se visualmente a vários tipos de ambiente, Hydrocork Plus é a solução ideal para projetos de raiz, mas revela-se também, pela sua facilidade de instalação e baixa espessura, especialmente adequado a projetos de renovação.

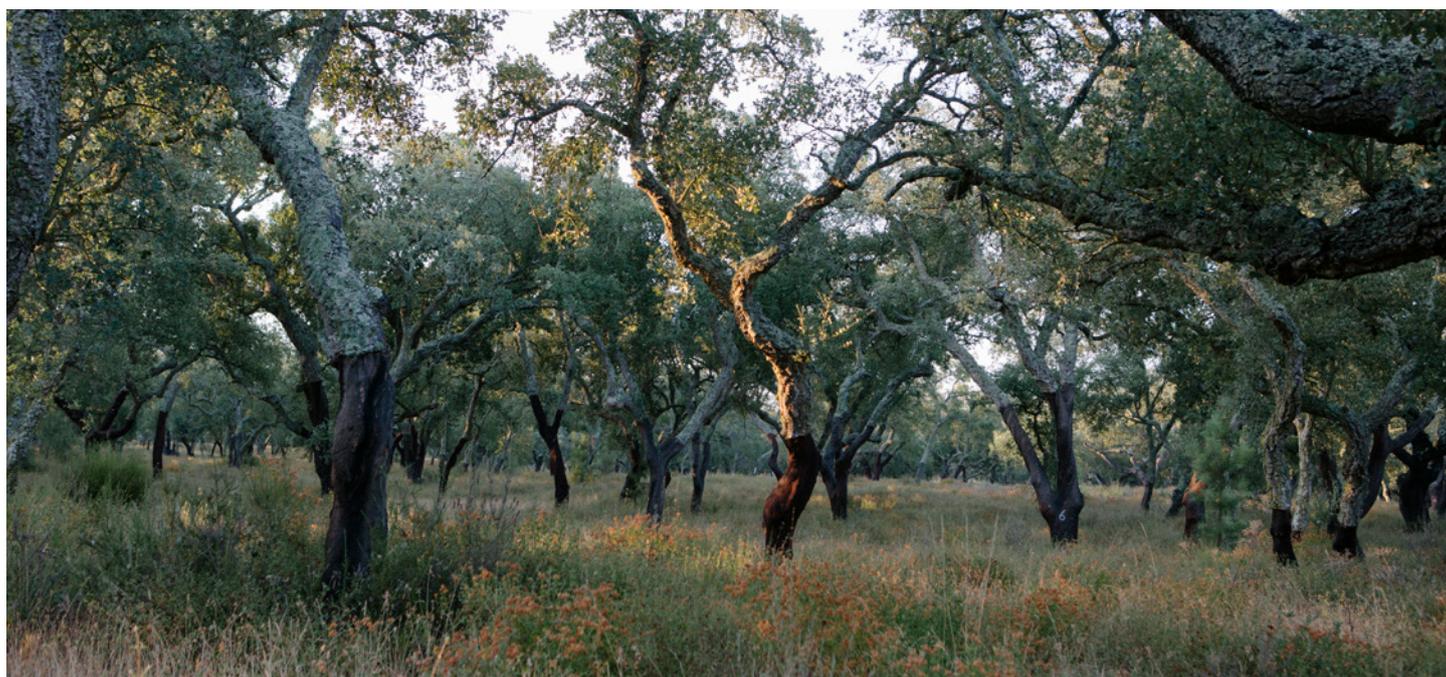


Corticeira Amorim é participante do United Nations Global Compact

A Corticeira Amorim é um dos mais recentes participantes do United Nations Global Compact (UN Global Compact), uma iniciativa voluntária das Nações Unidas (UN) que reúne organizações cujas estratégias, atividades e operações estão alinhadas com princípios universais de direitos humanos, práticas laborais, proteção ambiental e combate à corrupção. A aplicação dos Dez Princípios do UN Global Compact, a prossecução dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU e a apresentação anual de um relatório (COP – Communication on Progress) detalhando todos os progressos alcançados em cada um dos pilares da sua política de sustentabilidade estão entre as novas obrigações da multinacional portuguesa. Igualdade

de género, finanças sustentáveis, estado de direito, governança e igualdade são alguns dos temas promovidos pelo UN Global Compact, iniciativa que reúne mais de 15 mil empresas com sede em 163 países. Uma sociedade mais justa, um ambiente mais saudável, uma economia mais competitiva, um contexto de negócios mais transparente e uma cultura mais íntegra são os valores inscritos nos Dez Princípios do UN Global Compact, incentivando as organizações aderentes a prosseguirem o caminho da sustentabilidade corporativa assente naquele sistema de referências universal. Reconhecendo que cumprindo as suas responsabilidades básicas, as instituições também preparam o cenário para o seu sucesso a longo prazo. Perdurando no tempo, mitigando a pobreza, criando

riqueza, fomentando a colaboração, a educação e a inovação, e participando ativamente na transformação do mundo. Tais valores desde sempre estiveram no ADN da Corticeira Amorim, que está agora comprometida «em fazer da iniciativa UN Global Compact, e dos seus princípios, parte da estratégia, cultura e operações do nosso dia a dia», afirma António Rios de Amorim. «De resto – continua o presidente e CEO da Corticeira Amorim – envolvem-nos em tanto quanto possível em todos os projetos colaborativos que ambicionem o incremento das metas das Nações Unidas, particularmente os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Balizados pela transparência, pelo escrutínio público e pelo contínuo *report*.»



António Rios de Amorim vence prémio de melhor CEO do ano

O presidente e CEO da Corticeira Amorim, António Rios de Amorim, foi o vencedor do Prémio CEO na 33ª edição dos Investor Relations and Governance Awards (IRGAwards). Iniciativa da Deloitte, os IRGAwards «procuram reconhecer e incentivar boas práticas no desenvolvimento do mercado de capitais e distinguir empresas, dirigentes e colaboradores, ou outras personalidades, que, em cada ano, mais e melhor tenham contribuído para tornar o mercado de capitais mais eficiente, transparente, socialmente responsável e útil à economia e à sociedade portuguesas», esclarece a consultora. As primeiras palavras de António Rios de Amorim após receber o galardão foram dirigidas aos restantes nomeados – Cláudia Azevedo da Sonae SGPS, João Manso Neto da EDP Renováveis, Miguel Maya do Millennium BCP e Pedro Soares dos Santos da Jerónimo Martins – pois «a maior distinção foi estar acompanhado pelos nomeados que são a minha referência na gestão em Portugal». Isto sem deixar de agradecer «aos mais de quatro mil colaboradores da Corticeira Amorim espalhados por 30 países». O presidente e CEO da Corticeira Amorim acrescentou ainda na oportunidade que «o prémio é o reconhecimento do esforço da empresa na prossecução dos melhores princípios de ESG».

A nomeação para os Investor Relations and Governance Awards começa com uma votação de um colégio eleitoral composto por dirigentes e gestores de topo das 250 maiores empresas, centros de investimento e centros de investigação portugueses. Os resultados desse primeiro escrutínio originam uma *short-list* de três a cinco candidatos por cada categoria escolhida pelo júri. Liderada por Vítor Bento,



presidente da Associação Portuguesa de Bancos, esta comissão deliberativa determina, então, os vencedores, sendo que os critérios de seleção destacaram as melhores práticas relacionadas com o fortalecimento das relações humanas e a sustentabilidade, conectando-se em todas as vertentes – com as pessoas, as empresas, os governos, a sociedade e o planeta – para criar um impacto positivo e relevante. Tendo como temática «Connect for impact with a human focus» (Conectar-se para ter impacto com enfoque humano), a edição

2021 dos IRGAwards contou também com as nomeações de Cristina Rios de Amorim, na categoria CFO em Investor Relations, e de Ana Matos, na categoria Investor Relations Officer. A 33ª edição dos Investor Relations and Governance Awards atribuiu ainda os prémios Sustainability Initiative Award e Transformation Award. O júri, através de uma deliberação direta, concedeu igualmente o Lifetime Achievement Award.

Duas mãos cheias de plantações



Cerca de 100 colaboradores Amorim juntaram-se no passado dia 20 de novembro, na Herdade do Monte da Barca, em Coruche, para mais uma plantação anual de sobreiros. O grupo de voluntários, oriundo de todas as unidades de negócio da empresa, plantou cerca de 2100 sobreiros, em mais uma ação de responsabilidade social levada a cabo em parceria com a Quercus. Entre eles estava Deolinda Alves que trabalha na Corticeira Amorim há quase quatro décadas. Foi secretária de Américo Amorim entre tantas outras coisas, sempre na Champcork. Tem 62 anos, bem escondidos atrás de muita energia e juventude na voz, e participou em todas as edições da plantação anual. Plantação sem Deolinda não é plantação. Não sabe ao certo quantos sobreiros plantou, apenas que «são muitos». E são mesmo. Concretamente, 22500 sobreiros plantados pela Deolinda e por todos os voluntários da empresa que, ao longo de mais de uma década, marcaram presença na iniciativa. Lembra-se muito bem da primeira edição e facilmente percebemos porquê. «Fomos num autocarro muito pequeno, que ainda assim ia quase vazio. Foi na zona norte, e lembro-me que para irmos para a zona da plantação tivemos de apanhar boleia de jipe todo o terreno guiados por guardas-florestais».

No início «nós tínhamos de fazer tudo, o terreno não estava lavrado e plantávamos bolotas, não os sobreirinhos pequeninos como agora». Já estiveram em «Vila Nova de Poiars, no Caramulo e em muitos outros sítios», mas nos últimos anos «tem sido no Alentejo», onde Deolinda admite que a tarefa fica mais simples. «No Sul é bem melhor, é mais fácil de trabalhar. Já nos têm dado tudo preparado e alinhado, o terreno é plano e está lavrado. Só temos de fazer as covas. No passado chegamos a plantar em terrenos bem mais agrestes, com muita inclinação».

A dança do sobreiro

Em muitas destas aventuras anuais, Deolinda contou com a companhia das suas afamadas galochas, hoje uma verdadeira imagem de marca. Pretas, com duas grandes flores cor-de-rosa, um palmo e meio abaixo do joelho. «São famosas, até apareceram no relatório e contas do ano passado [2020]. Este ano levei outra vez e foram fotografadas novamente. Já as uso há vários anos». Certamente uma parte importante do equipamento que permite executar a exigente técnica de cultivo na perfeição. «Pois, isto tem as suas técnicas. Fazemos tudo de acordo com as instruções que nos dão no início da plantação. Como fazer a

cova, até onde podemos enterrar o sobreiro. Dão uma vara para nos orientarmos na distância que devemos dar entre as covas. Da Champcork, por exemplo, fomos cinco pessoas e formamos uma espécie de equipa: um media com a vara, outro colocava o sobreirinho, vinha mais um e abria a cova, um quarto que tapava com terra fofinha usando a mão e, finalmente, o último que fazia a dança do sobreiro». Não, não se trata de um tipo de dança da chuva, nem tão pouco uma atividade para esticar as pernas. É coisa séria e faz parte do processo técnico que Deolinda descreve com a máxima seriedade. «É andar à volta do sobreirinho para calcar a terra e garantir que ele fica enterradinho e preso, para pegar melhor». Uma verdadeira task-force, bem oleada, pois «já são os mesmos há muito tempo». Após um ano de paragem, em 2020 a pandemia obrigou ao cancelamento da plantação, o autocarro voltou a encher e lá foi a Deolinda. Voltará ano após ano, «pelo convívio, mas sobretudo por sentir que estou a contribuir para que esta indústria não morra e, confesso, já não será para os meus dias, mas espero que um daqueles que eu plantei venha dar fruto, a dar cortiça».

Traços de Gente



AMORIM

Sustainable by nature